



## **Ética, estética e poética na educação** Ethics, aesthetic and poetics in education

Francisco das Chagas Amorim de Carvalho<sup>1</sup>

**Resumo:** No Brasil, não é maior o controle sobre o que se pensa do que sobre o que se deseja. Em *Pedagogia da Autonomia*, Paulo Freire afirma que “educar exige estética e ética”, que uma educação plena articula conhecimento, política, compromisso ético e experiência estética. O objetivo é verificar a pertinência da educação dos sentidos, isto faremos através da análise de textos, e colaborar para demonstrar a importância da *educação estética*.

**Palavras-chave:** Educação estética, Alienação, Autonomia.

**Abstract.** In Brazil, there is no greater control over what you think than what you want. It is pertinent to propose a dialectic of feelings. In *Pedagogy of Autonomy*, Paulo Freire says that “educating requires aesthetics and ethics”, that a full education articulates knowledge, politics, ethical commitment and aesthetic experience. The objective is to verify the relevance of the education of the senses, this we will do through the analysis of texts, and collaborate to demonstrate the importance of aesthetic education.

**Keywords:** Aesthetic education, Alienation, Autonomy.

### **Introdução**

Paulo Freire, em *Pedagogia da autonomia*, defende que o ato de educar exige ética e estética, também que educar é substantivamente formar, caracteriza a educação como processo criativo. Teresinha Azeredo Rios, em *Compreender e ensinar*, comenta as dimensões explicitadas por Paulo Freire: a técnica, a estética, a ética e política; a partir da compreensão destas dimensões Rios verificou as implicações na competência do educador. No Brasil atual, as políticas do governo para a educação privilegiam aspectos da formação e subtraem outros, defendem a necessidade de capacitar com treinamento técnico para a competição no mercado. Esta redução dos fins da educação prejudica o compromisso da escola com a formação humana. Se a escola não pode estar alheia ao mundo do trabalho, não se pode esquecer a Constituição: a educação é um direito social público, é para o desenvolvimento cultural pleno da pessoa. A exclusão das dimensões sensível e espiritual (reflexiva) do trabalho produz a coisificação da “mão-de-obra”; com a subtração de conteúdos fundamentais para se conhecer a condição humana, exclui-se modos de ser, pensar, sentir e estar no mundo, faz-se opção por um tipo de humanidade.

---

<sup>1</sup> Professor adjunto na Universidade Federal do Piauí. Mestre em Artes, Doutor em Filosofia (em Ética e Estética), leciona Estética e Teoria da Arte, Filosofia da Educação entre outras. Investigador nos Núcleos de Pesquisa em Hermenêutica e Filosofia da Natureza, Coordena Projetos como Laboratório de Artes e Cultura Viva.

## Ética, estética e poética na Educação

Paulo Freire, em *Pedagogia da autonomia*, defende que pensar a relação entre ingenuidade e criticidade, exige considerar uma formação ética e estética. Esta formação define como “decência e boniteza de mãos dadas”. A “decência” está vinculada à ética e a “boniteza” à estética; porém, boniteza vem de *bonitatis*, a bondade, que é um sentimento, o de amizade por exemplo, e um valor. Ser bonito tem a ver com a disposição de nosso *ethos*, com um estado de ser. A beleza, ou o “belo” (*kalòs*) deriva do verbo “chamar” (*kaleo*), diz daquilo que nos encanta; assim, boniteza, beleza e lindeza [verbo lindar], tem a ver com cuidar das relações, por isto quando nos enamoramos, trabalhamos nossa aparência, porque também somos para o outro, por amor nos tornamos mais. Paulo Freire escreve que o ser humano, por sua condição, tem “vocação ontológica para ser mais”.

Teresinha Azeredo Rios, em *Compreender e ensinar*, ao comentar as *dimensões da competência*, cita a Paulo Freire: “A educação será tão mais plena quanto mais esteja sendo um ato de conhecimento, um ato político, um compromisso ético e uma experiência estética”; este trecho é extraído de *Pedagogia e política*, onde Paulo Freire afirma no texto que antecede a este trecho, que a “curiosidade epistemológica” não dispensa a “imaginação criadora no processo de desocultação da verdade”. Assim, estimar ou valorar é criar, seja através da ética ou da estética. O ser humano quando cria, atua com toda sua inteireza, com razão e sensibilidade, com ciência e arte.

Rios apresenta como dimensões da competência: a técnica, a estética, e as dimensões ética e política. A dimensão estética consiste na “presença da sensibilidade -e da beleza- como elemento constituinte do saber e fazer docente”; esta dimensão, explica: não se restringe ao fazer artístico, a sensibilidade é a esfera da criatividade, da afetividade, da implicação do sujeito no fazer, o que para o *sujeito* é significativo, que para ele faz sentido, é o que estima e comove sua admiração, é o que media, que lhe compromete no fazer. Optar por excluir a sensibilidade dos processos produtivos, ou criativos, é uma maneira de desumanizar o trabalho; essa “maneira” ou modo de relação, é já opção estética e por valores. A maneira de fazer define a *dimensão técnica* da competência, que Rios associa com a *techné* grega, para os gregos esta significava mais que a mera execução de procedimentos, por isso Rios esclarece que para compreender sua vinculação à competência, deve-se associar a ideia de *techné* às de *poiésis* e *práxis*. Explica que podemos traduzir *poiésis* como criação, produção. Assim, as ciências práticas (*práxis*) estudam ações que têm seu fim em si mesmas, como a ética e a política; enquanto as poéticas (*poiésis*) estudam ações cujo fim é produzir alguma obra ou objeto (as artes, a economia etc). O ato de educar engendra um novo *ethos*, e tem a pessoa como obra de arte. O ser humano é automediador de sua natureza, pode realizar sua *autopoiesis*: *poésis* de si ou criar a si mesmo, ou *ethopoiesis*: criar o próprio *ethos* ou seu caráter, pode intervir e transformar o mundo, isto supõe articular ética, estética e poética.

Em *Pedagogia da autonomia*, Paulo Freire nos caracteriza como seres histórico-sociais, escreve: “Só somos porque estamos sendo. Estar sendo é a condição, entre nós, para ser” (1996, p.16); não é possível pensar os seres humanos fora da ética; seria transgressão contra a própria condição humana; afirma: “transformar a experiência

educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador” (*idem*).

Paulo Freire afirma que “educar é substantivamente formar”; este *formar* supõe o mundo em processo. Considerar o conhecimento como construção, a verdade como caminho de descoberta, supõe uma disposição de *ethos*, uma disponibilidade à “revisão dos achados”. A escola é lugar para aprender a ver, para “mudar de opção e de apreciação”, lugar para aprender a medir, a estimar, a valorar, mas inclusive é onde se exercita o direito de fazê-lo, daí a dimensão ética e política. Cabe a quem muda, que [se] transforma, assumir a mudança; atuar com coerência exige aptidão e atitude, pois, do ponto de vista do pensador: “todo pensar certo é radicalmente coerente”. Assim, *objetivamos* compreender as dimensões da ética, da estética e da poética, na educação.

### **Brevíssima digressão histórica**

A “estética” já foi traduzida pelos ingleses como um conjunto de *virtudes amáveis da conveniência*, o que definia a *pessoa de gosto*; e na França de meados do século XIX esta estética foi um dos principais objetivos da *École du bon sens*, escola que influenciou os dramas cuja missão era traduzir a ordem social burguesa. A concepção de estética (*aisthesis*) predominante durante a Modernidade limitará a *experiência estética* à dimensão da sensação; é deixada fora a concepção mais complexa: a que significa *elevação dos sentidos* e que corresponde a *admiração*, experiência que envolve a sensibilidade, a cognição e a ética. A *educação estética*, iniciará no Romantismo alemão, mas não está restrita à arte, nem ao tema da beleza; embora esta estética estude a beleza ontológica, a beleza moral ou a beleza da harmonia nos pitagóricos. A beleza relaciona-se com valores. Platão, em *Fedro*, expõe uma escala para o amor (*eros*), desde o mais físico ao mais sublime e abstrato; também para a beleza, da mais genérica a mais ideal, eterna. Esta pode ser captada pelos sentidos, por um pensar poético, as ideias são apreendidas pela razão.

Aristóteles defendeu o uso da poesia para purificar as paixões, da medicina tomou o termo *katharsis*: purificação; sistematizou na *Poética* o *cânon* para provocar “emoções úteis”. Aristóteles evidencia as praxias humanas; da experiência estética com a tragédia, o que permanece são as empatias, a identificação entre o *ethos* do herói trágico e o *ethos* do espectador. O teatro teve uma função didática na educação do povo grego. Da relação entre *práxis* e *poiésis*, entre política e ciência, a poética se apresenta como uma espécie de ciência da ação, conciliando arte, técnica e produção.

Os teatros e arenas em Roma valorizaram os jogos, mantiveram alguns dos cânones gregos, mas reforçou a retórica, a eloquência, o discurso, a individualidade; a distinção entre as artes e os seus produtores foi instituída conforme uma sociedade escravocrata. A formação dos homens livres estava constituída pelas *artes liberais*: gramática, retórica, lógica, aritmética, geometria, astronomia e a música. Os demais deveriam buscar as *artes servis*. As outras atividades técnicas: medicina, arquitetura, agricultura, pintura, escultura, olaria, tecelagem etc eram consideradas artes mecânicas. Durante a Idade Média, quando predomina a ideia de que a alma é livre, mas o corpo é para ela um cárcere, as artes feitas com as mãos, manuais, foram

consideradas inferiores às artes liberais. É preciso considerar o trabalho de ilustração, iluminação e tradução realizado neste período, o estudo da estética esteve à luz da teologia no mundo medieval.

Vico considerou a sensação e sua função gnosiológica, o que os sentidos captam na realidade não se reduz à ilusões; com a imaginação o sujeito interpreta o mundo conhecido através das sensações. Somos seres singulares, há subjetividade na sensação estética. É preciso educar os sentidos para tornar-se sensível. Pois, a natureza fala a ouvidos atentos, a natureza é um livro aberto a quem possa ler, existe, assim, o encontro.

A estética teve distintas abordagens. A beleza é objetiva: considerando proporções, valores, medidas; ou relativa: considerando a subjetividade de quem a capta. Os sentidos que captam o belo são educados, o que vemos e o modo como vemos depende da ótica, mas também da cultura: um olhar humano. A abordagem da estética, na apreciação da beleza, esteve entre a beleza formal e a beleza como expressão do bem, entre *bios* e *lógos*, ou ainda, entre natureza e cultura.

Baumgarten utilizou o termo *aesthetica* pela primeira vez, consagrando esta denominação entre 1735 e 1750 ao estudar um sistema de saberes sensitivos e diferentes do lógico-discursivo, para esta dimensão do conhecimento colabora a arte. Assim, inspirado pelas influências do iluminismo alemão, identificou um dos princípios fundamentais da estética moderna: a arte encontra seu objetivo em si mesma. A arte é própria do ser humano, por sua condição, não pode ser tratado como meio, pois não é coisa entre outras.

Kant, em *Crítica do juízo*, escreveu sobre o juízo estético; para ele o conhecimento do mundo tem relação com a experiência sensível. Para Kant, o homem é o que a educação faz dele através dos processos de formação, dos hábitos e da cultura. Escreve que entre o juízo estético -de prazer e de gosto- e o juízo teleológico -de conformidade a fins- haveria uma espécie de *saber admirável* (B 272, 273), um *saber sensível*.

Schiller, em *Cartas sobre a educação estética do homem*, retoma a perspectiva da beleza na formação humana, defende haver uma *razão poética*, uma *lógica da beleza*; ele propõe que a educação alcança educar uma *alma bela* através de uma “educação estética”. Articulou a estética kantiana com a filosofia da educação de Rousseau e sua própria ideia de sentimento. Para Schiller, a educação através da experiência da beleza permite experimentar a síntese entre razão e sentimento, entre cultura e natureza. Na Carta XXII trata das relações entre o estado estético, o conhecimento e a moral, e considera que a arte moralizadora contraria os princípios da beleza, ela exige liberdade e autonomia; o estado estético não se fundamenta na gestão heterônoma dos sentidos ou sentimentos. A educação estética cria o campo de experiência para tornarmos humanos.

Para Goethe, um carácter harmônico resulta de uma educação estética, de um projeto pedagógico que cultive o espírito, sem discriminar entre a educação de um jurista ou de um artesão. Goethe chamou atenção para a diferença entre educação moral e a educação estética, esta consiste em *deixar que no sujeito realize sua natureza*; o que justifica a necessidade de aprender e ensinar a ver, a escutar, a sentir. Não é doutrinar uma forma de sentir, mas construir a consciência de que os sentimentos são e

estão sujeitos à educação; as *inclinações*, exceto aquelas da sua constituição genérica, são mediações. A *educação dos sentidos* educa para a leitura do mundo; constatou-se que a emancipação da ilustração não bastou para alcançar a liberdade e a felicidade, que a verdade não é obra só de ilustração, precisamos ser afetados pela verdade; por isso, a educação estética deve servir para experienciar os valores e emancipar os sentidos.

Hegel, no livro *Estética*, afirmara que arte, religião e filosofia são as três formas do espírito absoluto, porém, concebia que a música seria a arte mais próxima do espírito, para aceder ao mundo do espírito, como para sua manifestação. De modo diferente, Marx, a partir do materialismo histórico, demonstrou que a produção de cultura está relacionada à sociedade, às relações econômicas e de poder, e não a algum espírito absoluto. Na Escola de Frankfurt, filósofos e sociólogos construíram críticas aos padrões estéticos e ao *esclarecimento*. Adorno designou como “indústria cultural” a produção dos bens culturais e simbólicos; denunciou que a lógica do capital produz bens para o consumo, mas também produz as necessidades, administra os desejos, faz comércio dos sentidos. Para Adorno a produção estética é uma entre outras formas de produção:

A força produtiva estética é a mesma que a do trabalho útil e possui em si a mesma teleologia; e o que se deve chamar a relação de produção estética, tudo aquilo em que a força produtiva se encontra inserida e em que se exerce, são sedimentos e moldagens da força social (2006, p.16).

A experiência ou reação estética, o gosto, não é simples expressão da alma, é produção social, aprende-se a gostar; por isso, é necessário educar para a emancipação da consciência -vontade e pensamento- condição para haver autonomia de criação.

A formação em Arte no Brasil constitui-se de duas dimensões: a *educação artística* e a *educação estética*. A arte como conhecimento, como cultura, tem sido a versão mais aceita, porém, a cognição tem sido associada ao uso da razão; a sensibilidade ainda enfrenta resistência para ser considerada objeto da educação. Mas a importância dos sentidos para a construção do conhecimento foi considerada por Spinoza, Walon, Vigotsky, Lukács, entre outros. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) propõe que “a abordagem das linguagens articule seis **dimensões do conhecimento** que, de forma indissociável e simultânea, caracterizam a singularidade da experiência artística”; as dimensões são estas: Criação, Crítica, Estesia, Expressão, Fruição e Reflexão. Expõe:

**Estesia:** refere-se à experiência sensível dos sujeitos em relação ao espaço, ao tempo, ao som, à ação, às imagens, ao próprio corpo e aos diferentes materiais. Essa dimensão articula a sensibilidade e a percepção, tomadas como forma de conhecer a si mesmo, o outro e o mundo. Nela, o corpo em sua totalidade (emoção, percepção, intuição, sensibilidade e intelecto) é o protagonista da experiência. (BRASIL, 2020, p.194).

O compromisso entre a educação e a vida solicita como atitude a compreensão, a colaboração e a sinergia, que diferem do protagonismo e da competência egoístas. A

criação artística e a experiência estética não se reduzem à linguagem; a capacidade de sentir é maior que a de dizer. O *lógos*, ou a cognição, não é exclusivo da razão, na ação poética existe cognição, uma lógica própria ou razão poética; os processos criativos exigem pensamento, sentimento, sensação, intuição e produção. É necessário realizar a *vivência estética* no contexto da escola; é preciso educar para a vida.

### **Pressupostos pedagógicos**

A *experiência estética* acontece desde a gestação, ainda não abriu os olhos mas a criança já ausculta; tem estesia, senciência, está imersa, em unidade com o mundo que a engendra. No ventre da mãe a criança sente o que dá prazer e alegria à mãe, o que a entristece e lhe faz medo; vive em um mundo de sons, ruídos, sente as boas e as más palavras; conhece por ressonância, porque vive em sinergia com este mundo, esta morada que é sua mãe. Assim, inclusive os genitores precisam de educação estética. Essa empatia, ou solidariedade, precisa ser cultivada anos mais tarde, para ser capaz de sentir o que o outro sente, projetar-se. Paulo Freire, no artigo *A importância do ato de ler*, escreve:

Primeiro, a “leitura” do mundo, do pequeno mundo em que me movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo de minha escolarização, foi a leitura da “palavramundo”. (...) **a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele.** Na proposta a que me referi acima, este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. **A pesquisa do que chamava universo vocabular nos dava assim as palavras do Povo, grávidas de mundo. Elas nos vinham através da leitura do mundo que os grupos populares faziam.** (1989, p.13)

As metáforas, recurso que evoca experiências de vida no leitor, a grandeza e a boniteza da experiência docente, é uso da poética para significar e expressar o comum (coletivo), é a configuração do *excedente de sentido*, transcende o particular, é a reserva ou repertórios da vida em comunidade, traz não só as coisas, mas as relações com elas.

Paulo Freire ressalta a colaboração entre lógicas e modos de interpretar o mundo, entre a lógica da leitura poética do mundo e a leitura lógico-discursiva, escreve: “Desde o começo, na prática democrática e crítica, **leitura do mundo e a leitura da palavra estão dinamicamente juntas**” (1989, p.19). A palavra floresce em um mundo criado, segue: “agora, pelo contrário, a alfabetização como ato de conhecimento, como ato criador e como ato político é um esforço de leitura do mundo e da palavra. Agora já não é possível texto sem contexto.”. Em suma: pensamento [conhecimento], sentimento [imaginação criativa] e ação [política e ética, posição no mundo, compromisso]; e corresponde à *palavra*, à *frase* e à *sentença* (um mundo com sentido). O texto tem vida, tem texturas. Tratando da função social das bibliotecas públicas, comentou Paulo Freire (1989, p.20):

Daí a necessidade que tem uma biblioteca popular centrada nesta linha se estimular a criação de horas de trabalho em grupo, em que se façam verdadeiros seminários de leitura, ora buscando o adentramento crítico no texto, procurando apreender a sua significação mais profunda, **ora propondo aos leitores uma experiência estética**, de que a linguagem popular é intensamente rica.

Ainda comentando sobre sua alfabetização, narra suas memórias: “O chão foi meu quadro-negro; gravetos, o meu giz” (1989, p. 15). Essa *leitura de mundo* não é apenas cognitiva, é também simbólica e supõe uma *imaginação criativa*, ela muda o sentido do *olhar habitual*. Não tivesse Newton um olhar sensível, um interesse pelo que não se vê, a queda da maçã seria um feito banal. Haveria conhecimento não fosse a maçã atraente e apetitosa: com seu colorido, seu perfume, textura, e sabor? Nós educamos para sentir? Educamos para saber. Que saber é este sem sentido? Por natureza desejamos saber. Não houvesse o desejo, a vontade, haveria saber? Sem amor, não bastaria todo conhecimento. A beleza também desperta nossa *curiosidade epistemológica*, escreveu Paulo Freire. É com a vivência que o saber se transforma em experiência; é a diferença entre explicar e estar implicado naquilo que se diz. A propósito, escreve Larrosa Bondia:

(...) a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, o que acontece, ou o que toca. A cada dia passam muitas coisas porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. (...) A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (2001, p.2-4)

Uma coisa é descrever o corpo, órgãos e partes, outra bem diferente é expressar o corpo vivido, dizer desde dentro, ele mesmo dizer de si, sendo corpo: não tenho um corpo, sou este corpo; não habito a terra, eu e a Terra, as florestas, os rios, somos um; é uma perspectiva com sensibilidade e compromissos. Há uma estreita relação entre valores estéticos e valores éticos. Rubem Alves fala do homem que tem negociado o prazer das coisas, incapaz de senti-lo sem que haja uma moeda mediando esta relação:

A organização última do controle exige que a ciência descubra maneiras de se reduzir todas as formas de prazer a alguma que possa ser apropriada funcionalmente pelo sistema. O prazer tem que ser transformado numa mercadoria – apenas as coisas que possam ser compradas devem ser capazes de proporcioná-lo (ALVES, 1986, p. 50).

O pragmatismo do mercado aliena o ser humano dos vínculos com a [sua] natureza [da realidade e necessidades], impede que o mundo se torne humano, daí os sentidos humanos não reconhecem o mundo, a alienação produz desrespeito e destruição, tudo é tornado meio para algum fim, coisa útil, com caráter absoluto em si mesmo, mercadoria.

Em *A teoria da alienação*, István Mészáros considera os escritos de Lukács sobre a educação estética, defende que uma ruptura com a lógica do capital tem de ser não só formal, mas essencial; para isto, a educação dos sentidos. Não há emancipação sem autonomia nos modos de sentir. Para transformar as atuais formas de produção, inclusive as formas alienadas/alienantes de produção cultural, precisamos educar para a auto-educação e a autogestão das necessidades. Mészáros, sobre a proposta de Schiller, escreve que teria sido um milagre se a ideia de uma “educação estética do homem” tivesse encontrado um destino diferente, em um mundo dominado pela alienação capitalista.

O “protagonismo” e a “postura empreendedora” que o mercado orienta como competência a ser internalizada nos jovens, reproduz a lógica da política econômica neoliberal. E qual o problema? O sociólogo Mészáros, no tópico *Aspectos estéticos*, cita o texto de Marx nos *Manuscritos econômicos-filosóficos*: “O animal forma apenas segundo a medida e a carência da *species* a qual pertence, enquanto o homem sabe produzir segundo a medida de qualquer *species*, e sabe considerar, por toda a parte, a medida inerente ao objeto; o homem também forma, por *isso*, segundo as leis da beleza” (2006, p.189). O capitalismo influencia os processos de mediação e a produção de sentidos: “O homem carente, cheio de preocupações, não tem nenhum sentido para o mais belo espetáculo; o comerciante de minerais vê apenas o valor mercantil, mas não a beleza e a natureza peculiar do mineral; ele não tem sentido mineralógico algum” (*idem*). Citando o texto de Marx, explica Mészáros que esta “rudeza” de sentidos não é uma fatalidade da *natureza*, ela é *artificialmente* produzida, pela sobreposição de todos os sentidos físicos e mentais “pelo simples estranhamento de todos esses sentidos, pelo sentido do ter” (*ibidem*).

### **Da estética da destruição**

Para ilustrar as consequências da falta de educação estética, exponho o caso ocorrido no ano de 2019. O ex-secretário de Cultura do atual governo, Roberto Alvim, em uma reunião anual na UNESCO em Paris criticara a arte que tem sido feita no Brasil nas últimas décadas nos seguintes termos: “A arte brasileira transformou-se em um meio para escravizar a mentalidade do povo em nome de um violento projeto de poder esquerdista”, falou Alvim citando Deus e prometendo criar uma “nova geração de artistas”, garantiu que o novo governo retomaria a “beleza” nas “obras de arte”. Seu discurso chamou a atenção de delegações estrangeiras. Um dos representantes do governo europeu, momentos depois, fez amplos elogios à arte brasileira, cantores e sua diversidade; o discurso de Alvim gerou sorrisos por parte de alguns governos. Apresento trechos do seu discurso<sup>2</sup>:

Nas últimas duas décadas, a arte e a cultura brasileira foram reduzidas a meros veículos de propaganda ideológica, de palanque político, de propagação de uma agenda progressista avessa às bases de nossa civilização e às aspirações da maioria do nosso povo, (...). Passamos não mais a produzir e experimentar arte como uma ferramenta para o

---

<sup>2</sup> <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2019/11/20/secretario-diz-na-unesco-que-arte-brasileira-servia-a-projeto-absolutista.htm>

florescimento do gênio humano, (...). A arte brasileira transformou-se em um meio para escravizar a mentalidade do povo em nome de um violento projeto de poder esquerdista, um projeto mesquinho que perseguiu e marginalizou a autêntica pluralidade artística de nossa nação.

[Segundo ele, esse movimento] “abarcou a quase totalidade do teatro, da música, das artes plásticas, da literatura e do Cinema, e não ocorreu de modo espontâneo (...). Foi meticulosamente pensado, orquestrado e executado por lideranças tirânicas para nossa submissão. (...). Quando a arte e a cultura adoecem, o povo adocece junto.

Nos discursos nazistas mostrados no filme *Arquitetura da destruição* (Peter Cohen, 1989), o objetivo da limpeza social articulavam termos como “cultura” e “saúde”, o culto aos “corpos esculturais”, “atléticos”, em falas como: “o signo da beleza é a saúde” [Hitler], eliminando os “corpos estranhos”. Alvim criticou a arte produzida até chegar seu governo:

A arte e a cultura no Brasil estavam a serviço da bestialização e da redução do indivíduo a categorias ideológicas, fomentando antagonismos sectários carregados de ódio - palcos, telas, livros, não traziam elaborações simbólicas e experiências sensíveis, mas discursos diretos repletos de jargões do marxismo cultural, cujo único objetivo era manipular as pessoas, usando-as como massa de manobra de um projeto absolutista. (...) [a] ideologia de esquerda perpetrou uma terrível guerra cultural contra todos os que se opuseram ao seu projeto de poder, no qual a arte e a cultura eram instrumentos centrais de doutrinação.

Alvim insistiu que tudo mudou. Com a eleição do atual presidente,

(...) os valores ancestrais de elegância, beleza, transcendência e complexidade encontraram uma nova atmosfera (...). E isso nos permite retomar o sonho de libertar a cultura e colocá-la na direção de princípios poéticos sagrados.

Roberto Alvim, sem o *status* de ministro da Cultura, assumiu uma secretaria sob a administração do Ministério do Turismo, anunciou que o novo governo está

(...) envolvido na árdua tarefa de promover um renascimento da arte e da cultura brasileira (...). Estamos comprometidos com a redefinição da identidade e da sensibilidade nacionais, em consonância com os valores e os mitos fundantes de nossa nação [prometeu] trazer de volta o conceito de obra de arte.

Vamos devolver a arte aos espaços de arte. (...) Vamos promover uma cultura alinhada às grandes realizações de nossa civilização judaica-cristã.

Alvim definiu o que entende por “conservadorismo em arte”, inclui o “amor aos clássicos”; a partir disso “brotará a ambição de criarmos obras de grandeza semelhante em nosso tempo”. Alvim ainda prometeu uma “arte não seja para a doutrinação”. Mas sim para a “prosperidade do caráter e a recuperação da soberania de cada indivíduo”. Entre as tarefas que ele indicou para o governo está “a criação de uma nova geração de artistas”. E indicou com uma mensagem de que o novo trabalho serve para a “edificação de nossa civilização brasileira”. Tudo isso seria, para concluir, “para a glória de Deus”. Conclui: “Que Deus os abençoe”, completou o secretário diante de ministros de todo o mundo.

Outro discurso de Alvim teve grande repercussão<sup>3</sup>, e causou sua exoneração, ocorreu em janeiro de 2020. Alvim fez a declaração em vídeo que postou na página da Secretaria Especial de Cultura no YouTube<sup>4</sup>, para divulgar o concurso nacional de artes. Falou:

“A arte brasileira da próxima década será heroica e será nacional, será dotada de grande capacidade de envolvimento emocional, e será igualmente imperativa, posto que profundamente vinculada às aspirações urgentes do nosso povo – ou então não será nada”.

Alvim parece citar o discurso de Goebbels, que consta do livro “Joseph Goebbels: Uma biografia”, do historiador alemão Peter Longerich: “A arte alemã da próxima década será heroica, será ferreamente romântica, será objetiva e livre de sentimentalismo, será nacional com grande páthos e igualmente imperativa e vinculante, ou então não será nada”. Alvim, no vídeo, aparece sentado a uma mesa de gabinete com uma imagem de Bolsonaro, uma bandeira do Brasil, a cruz que representa o patriarcado da igreja ortodoxa; ouve-se uma música de fundo, é a obra *Lohengrin*, de Richard Wagner (1813-1883), maestro e compositor alemão que escreveu ensaios nacionalistas e antisemitas, tomado pelos nazistas como exemplo de superioridade musical e intelecto. O discurso de Goebbels, feito para diretores de teatro, buscava dar uma orientação estética aos artistas. Em seu esclarecimento no *Facebook* sobre as declarações semelhantes, Alvim afirmou que “o trecho fala de uma arte heroica e profundamente vinculada às aspirações do povo brasileiro”. Escreveu:

Todo o discurso foi baseado num ideal nacionalista para a Arte brasileira, e houve uma coincidência com UMA frase de um discurso de Goebbles... Não o citei e JAMAIS o faria. Foi, como eu disse, uma coincidência retórica. Mas a frase em si é perfeita: heroísmo e aspirações do povo. É o que queremos ver na Arte nacional

No discurso de Alvim, ele divulgou o Prêmio Nacional das Artes, e prometeu patrocinar produções inéditas em diferentes áreas da cultura, disse:

Queremos uma cultura dinâmica, mas enraizada na nobreza de nossos mitos fundantes. A pátria, a família, a coragem do povo e sua profunda ligação com Deus amparam nossas ações na criação de políticas públicas. As virtudes da fé, da lealdade, do autossacrifício e da luta contra o mal serão alçadas ao território sagrado das obras de arte (...). Almejamos uma nova arte nacional, capaz de encarnar simbolicamente os anseios dessa imensa maioria da população brasileira com artistas dotados de sensibilidade e formação intelectual, capazes de olhar fundo e perceber os movimentos que brotam do coração do Brasil, transformando-os e poderosas formas estéticas.

Em sua fala, associada ao discurso nazista, Alvim prometeu incentivar apenas estilos de beleza clássica. No entanto, diferente de Hitler, que pintava no estilo neoclássico, o estilo preferido por membros do governo, contradiz o discurso de Roberto Alvim.

<sup>3</sup> [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/01/18/interna\\_politica,821412/alvim-expos-como-nunca-lado-autoritario-do-governo-avaliam-especialis.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/01/18/interna_politica,821412/alvim-expos-como-nunca-lado-autoritario-do-governo-avaliam-especialis.shtml)

<sup>4</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/01/em-video-alvim-cita-goebbels-e-provoca-onda-de-repudio-nas-redes-sociais.shtml>

O atual presidente, durante a campanha de 2018, tinha uma tela na parede de sua casa<sup>5</sup>, sempre atrás da mesa a qual estava, pintada ao estilo ou reproduzia uma das telas de Jackson Pollock (1912-1956), similar a tela de título “1948”, o artista norte-americano cresceu entre índios do Arizona nos EUA, os navajos, com eles aprendeu outras maneiras de pintar e a explorar dimensões da pintura, seu estilo deu origem ao *action painting*, *dripping painting*. Pollock é esteticamente considerado expoente do expressionismo abstrato, teve a Picasso como referência; seu estilo teria sido reprovado pelos nazistas.

Outra imagem chamou a atenção. A foto cedida pelo Itamaraty para uma entrevista<sup>6</sup> feita ao diplomata Nestor Forster, indicado pelo presidente para representar o Brasil em Washington [EUA]. A foto mostra também uma tela na parede, novamente uma pintura abstrata, similar às do expressionismo e vanguardas europeias; movimentos estéticos que contestaram regimes totalitários e suas consequências; estilos que trouxeram ruptura com o neoclássico, com o “bom gosto” da estética nazista. A falta de educação estética, crítica e sensível, produz contradições entre o que se fala e o que se faz, e isto é a feiura. Os padrões estéticos da propaganda oficial, neste caso, são incoerentes ou imposturas.

### À guisa de conclusão

Nicolai Hartmann (1977), na sua *Estética*, considera o *homem vivo* para compreender o belo, e não mera abstração como é o sujeito oculto: “o povo”, evocado nos discursos populistas e totalitários. A contradição entre o que se fala e o que se faz, entre o interno e o que se mostra, a esta rachadura, excisão, a isto Hartmann considera feio. A beleza é um valor estético, e como todo valor ético, somente faz sentido quando aparece em uma constelação; por isto a *kalokagathia* (καλοκαγαθία) o ideal da formação grega articula: o bem, o bom e o belo; ou como no evangelho cristão: o caminho, a verdade e a vida.

O sentido original de estesia (*aisthesis*) como “elevação dos sentidos”, ou “deixar que no sujeito se realize sua natureza”, é recuperado na acepção de cuidado dos sentidos do ser e do estar. Paulo Freire, em *Pedagogia da autonomia* escreve que educar exige estética e ética. Para romper com a lógica de alienação, a educação estética pode promover vivências onde se experimente e se efetive a consciência e a auto-educação dos sentidos, a auto-gestão das necessidades [da vontade, dos desejos e sentidos].

A arte, na visão de Marx, visa acrescentar uma nova dimensão à vida humana, junto a todas as outras atividades vitais do homem. Citando a Marx, escreve Mészáros (2006, p.181): “Nessa concepção, a produção e o consumo da arte se tornam aspectos inseparáveis da mesma atividade vital que só pode ser descrita como a *auto-educação* estética *prática* do homem”. Este é o objetivo da educação estética: “emancipação dos sentidos humanos”, conclui Mészáros; com maior autonomia nos sentidos, a pessoa

<sup>5</sup> <https://blogs.ne10.uol.com.br/jamildo/2018/10/05/sobre-robos-fas-e-seguidores-de-jair-bolsonaro/>

<sup>6</sup> <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/02/06/indicado-a-embaixada-em-washington-forster-sera-sabatinado-na-proxima-quinta>

pode educar a si mesma, autoconstituir-se, mediar sua própria natureza e ter vida política ativa.

O campo da estética é o da construção da natureza humana. As sensações não são apenas determinações, antropológicas ou biológicas, mas afirmações ontológicas do ser (natureza); separar *ser humano* e *natureza* objetivou sustentar narrativas. A estética, que serve ao hedonista ou ao mercado, ou aos tiranos, se for apropriada através da educação pode colaborar para a “emancipação completa de todas as qualidades e sentidos humanos”; pois o ser humano se constitui nos modos de relação; continua Mézáros com as palavras de Marx: “Não só no pensar, portanto, mas *com todos os sentidos o homem é afirmado no mundo objetivo.*” (2006, p.182). E hoje, o controle está mais sobre os sentidos, sobre as vontades, exercido mais sobre o que querem as pessoas do que sobre as ideias; o conhecimento necessário precisa ter e ser sentido.

A educação estética supõe cultivar uma comunidade de sentidos, a capacidade que uma pessoa tem de experimentar o horizonte vital de outra. Ainda estamos no estágio de aprender a estar, a conviver. A educação estética, a partir de uma abordagem sistêmica, constitui uma eco-estética, onde ainda faz sentido cuidar de si, do outro e do planeta.

## **Bibliografia**

- ADORNO, Th. W. **Teoria estética**. Lisboa: Edições 70, 2006.
- ALVES, Rubem. **A gestação do futuro**. Campinas: Papyrus, 1986.
- BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. [online]. 2002, n.19, pp.20-28.
- BORGES, J. L. *La pesadilla*. In: BORGES, J. L. **Obras completas III**. Buenos Aires: Emecé Editores, 2007. p. 257-271.
- BRASIL. Ministério da Educação. **PCNs: Arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- \_\_\_\_\_. **BNCC – Ensino Médio**. MEC/CNE. <http://portal.mec.gov.br>, Visto em 02/02/2020.
- DUARTE JÚNIOR. **Fundamentos estéticos da educação**. São Paulo: Papyrus, 1988.
- \_\_\_\_\_. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Curitiba: Criar Ed., 2004.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.
- HARTMANN, Nicolai. **Estética**. México: Universidad Nacional Autónoma, 1977.
- MÉSZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo, 2006.
- \_\_\_\_\_. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.
- RIOS, Teresinha Azeredo. **Compreender e ensinar**. São Paulo: Cortez, 2002.